



**VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**  
**40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas**

---

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia do Desporto [ST]

---

**POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DA CLASSE SOCIAL COMO VARIÁVEL EXPLICATIVA DA VIOLÊNCIA PERPETRADA PELOS MEMBROS DAS CLAQUES PORTUENSES.**

---

---

SEABRA, Daniel

Doutor em Ciências Sociais

Universidade Fernando Pessoa

[das@ufp.edu.pt](mailto:das@ufp.edu.pt)

---



#### Resumo

Desde a investigação efetuada por Harrington que a classe social é apresentada como importante dimensão a ter em conta para compreender e explicar a violência que é perpetrada pelos *hooligans* nos estádios de futebol. Taylor chegou mesmo a perspetivar esta violência como resposta dos jovens da classe trabalhadora contra o crescente aburguesamento dos clubes de futebol e a consequente perda de possibilidade de participação na gestão dos mesmos por parte dos associados, sendo estes maioritariamente oriundos da classe trabalhadora. O grupo de sociólogos de Leicester, não deixou também de conferir destaque à classe social como uma dimensão relevante para a compreensão do hooliganismo. Numa perspetiva histórica, o papel da classe trabalhadora na evolução do futebol foi também considerado por vários autores, como por exemplo Critcher, Hargreaves, Hutchinson, Mason ou Vamplew.

Constata-se que a classe social não tem assumido a mesma importância enquanto dimensão com potencialidade para compreender e explicar a violência perpetrada por membros de grupos de adeptos adstritos ao Movimento Ultra. Ela não deixa, todavia, de ser considerada por autores como Lago e Biasi, Revilla, Roversi, Salvini ou Zani.

Considerando a importância que a investigação social tem conferido à classe social como variável a ter em conta para a compreensão da violência levada a cabo por grupos de adeptos de futebol, a comunicação a apresentar procurará destacar as potencialidades desta variável - mas também as suas limitações - para a compreensão da violência provocada por alguns membros das claques de futebol, bem como para a compreensão de outros desempenhos destes grupos. Na prossecução deste objetivo, e com base nos resultados da administração de um inquérito por questionário, será apresentada uma sociografia das 4 claques portuenses investigadas, com especial atenção para a variável relativa à classe social. Recorreu-se, para tal, ao esquema de classes proposto por John Goldthorpe

O objetivo enunciado para a comunicação a apresentar implicará ainda o recurso a dados resultantes das entrevistas efetuadas e da longa observação participante realizada. Os mesmos revelarão, não só a importância e as limitações da variável classe social para a compreensão da violência nas claques, mas também a relevância explicativa que esta assume para outras dimensões de um fenómeno complexo que não se confina a uma variável.

#### Abstract

Since the research performed by Harrington, social classes are presented as an important dimension to take into account in order to understand and explain the violence that is perpetrated by hooligans in football stadiums. Taylor has even seen this violence as a response of the young working class against the increasing of bourgeoisification in football clubs and the consequent loss of opportunity to participate in their management by the members, who mainly derive from the working class. The group of sociologists of Leicester, has also not failed to give prominence to social class as an important dimension to the understanding of hooliganism. In a historical perspective, the role of the working class in the evolution of football has also been considered by several authors, such as Critcher, Hargreaves, Hutchinson, Mason or Vamplew.

It appears that social class has not been given the same importance as a dimension with the potential to understand and explain the violence perpetrated by members of groups working at Ultra Movement supporters. It is, nonetheless, considered by authors such as Lake and Biasi, Revilla, Roversi, Salvini or Zani.

Considering the importance that social research has given to social class as a variable to take into account for understanding the violence carried out by groups of football fans, the summited communication seeks not only to highlight the potential of this variable - but also its limitations - in order to understand the violence provoked by some members of the football Ultra groups, as well as an understanding of other performances of these groups.

In pursuit of this goal, and based on the results of a questionnaire survey, a sociography of 4 investigated portuano ultra groups will be presented, with special attention to the variable related with social class. The classes scheme proposed by John Goldthorpe was used.

The purpose for the communication to be presented implies the use of data resulting from interviews and long participant observation. They reveal not only the importance and limitations of social class variable for understanding violence in cheerleading, but also the explanatory relevance it assumes towards other dimensions of a complex phenomenon that is not confined to a variable.

Palavras-chave: Claques de futebol; Violência; Classe social; Hooliganismo.

Keywords: Ultra Groups; Violence; Social Class; Hooliganism

COM0647



## 1. Introdução

Mais de trinta anos passaram sobre o surgimento dos primeiros grupos de jovens que se posicionavam, regularmente, num mesmo local do estádio para apoiar de forma mais intensa os seus clubes. Foram estes grupos que estiveram na génese das actuais claques, continuando estas a marcar presença significativa nos estádios portugueses. Na verdade, o termo *claque* designa «um grupo simpatizante de uma determinada equipa, com nome próprio, que se concentra na mesma zona do estádio incentivando os jogadores através de cânticos próprios, bandeiras e cartazes, palmas sincronizadas, ondas, *claxons*, tochas, potes de fumo, etc.» (Pereira, 2002, p. 41) As claques distinguem-se assim, da generalidade dos outros adeptos, pelos símbolos utilizados e pela visibilidade das sua coreografias (Lago e Biasi, 1994 e Marques et al., 1988)

No entanto, a violência perpetrada por alguns membros destes grupos acabou por constituir o principal motivo pelo qual as claques são noticiadas. Considerando o impacto de tais notícias e o alarme social que as mesmas causam, não surpreende que as claques tenham suscitado o interesse por parte das Ciências Sociais. As primeiras investigações neste âmbito centraram-se no fenómeno do hooliganismo associado ao futebol britânico, abrangendo este um conjunto de comportamentos violentos em contexto futebolístico. Assim, sob esta designação são englobados os confrontos com adeptos das equipas adversárias, actos de vandalismo, invasões de campo e ataques a jogadores da equipa adversária (Dunning, 2002).

Das múltiplas pesquisas efetuadas até hoje no contexto europeu sobre o hooliganismo e sobre violência levada a cabo pelas claques, a *classe social* emerge como uma das principais variáveis explicativas analisadas. A sua importância foi também considerada numa investigação levada a cabo sobre as claques *Alma Salgueirista*, *Colectivo Ultras 95*, *Panteras Negras* e *Super Dragões*. Assim, e tendo por base os dados recolhidos através da administração de um inquérito por questionário, bem como da realização de entrevistas semi-directiva e de uma longa observação participante, o presente texto tem por objetivo destacar as potencialidades e as limitações da classe social enquanto variável explicativa da violência que, por vezes, ocorre nos grupos mencionados.

## 2. A classe social na investigação sobre o hooliganismo

Para a prossecução deste objetivo foram consideradas as principais investigações efetuadas que deram relevância à classe social enquanto variável explicativa para a violência perpetrada por *hooligans* e membros de claques.

Uma das primeiras pesquisas que destacou esta variável foi desenvolvida por Harrington. Este constatou que 42% dos 497 *hooligans* que procurou caracterizar eram trabalhadores não especializados (Harrington, 1968). Sublinhe-se, contudo, que este investigador encontrou na combinação de diversas variáveis a razão para a predisposição para o envolvimento em violência por parte dos *hooligans* investigados. Esta não decorria, por isso, apenas em consequência da classe social a que pertenciam os *hooligans*.

Ian Taylor foi o investigador que conferiu maior importância à classe social como variável explicativa para o surgimento da violência. Para este autor, bem como para Critcher (1980) e Hargreaves (1986), o futebol tem uma raiz tradicional baseada na classe trabalhadora (Taylor, 1982). Porém, e ainda segundo Taylor, os clubes sofreram um processo de aburguesamento resultante da progressiva capitalização, profissionalização e burocratização do futebol. Na sequência desta transformação, a direcção dos clubes passou a estar a cargo das elites e da burguesia. (Taylor, 1971) Este processo transformou o futebol numa indústria de lazer e os clubes, foram perdendo a sua ligação às comunidades trabalhadoras locais, as quais emblemavam e representavam. Foi assim colocada em causa a identificação com o clube e o sentimento de participação democrática no percurso do mesmo (Taylor, 1971). O hooliganismo é então entendido por Taylor (1971 e 1982) como um acto de resistência da classe trabalhadora face ao controlo da burguesia, sendo também uma tentativa de repor a cultura tradicional do futebol.

Clarke foi também um autor que perfilhou a pertinência da classe social nos termos enunciados por Taylor, embora tenha optado por conferir mais relevância à condição social juvenil daqueles que se envolvem no hooliganismo (Clarke, 1978).

A classe social está também associada à proposta do grupo de Leicester para a compreensão do hooliganismo. Dunning, Murphy e Williams constataram que os *hooligans* eram provenientes dos estratos mais baixos da classe trabalhadora e a violência que os mesmos levavam a cabo podia ser explicada como consequência de uma

configuração social que emerge da conjugação de dimensões como a masculinidade, a residência em bairros suburbanos, uma socialização primária que proporciona uma exposição à violência e da qual decorre um alto grau de tolerância e aprendizagem da mesma e ainda a exposição a um processo de socialização no grupo de pares (Dunning *et al.*, 1992a e 1992b).

Esta perspetiva teórica é, em boa parte, confirmada empiricamente pela investigação que Robson (2000) desenvolveu acerca dos *hooligans* do clube do sudeste londrino denominado *Millwall*. A pertença destes à classe trabalhadora, bem como a residência num contexto urbano muito específico e considerado desfavorecido, concorrem, segundo Robson (2000,) para a formação de um *habitus* (Bourdieu, 2002, p. 167) incorporado predisponente à violência, sendo o mesmo reproduzido e exacerbado no contexto de um jogo de futebol.

Constata-se assim, face ao brevemente exposto, que são várias as pesquisas que realçam a classe social como uma variável explicativa para a violência perpetrada por *hooligans*, ainda que alguns destes investigadores não e a dissociem de outras variáveis também explicativas do fenómeno. Assim sendo, e face à pertinência atribuída à classe social por várias investigações sociais acerca desta problemática, era imperativo ter em conta tal variável na investigação que foi levada a cabo no seio das claques portuenses.

### 3. As classes sociais representadas nas claques portuenses

Sobre o conceito de *classe social* importa realçar não há consenso quanto à sua definição. Como refere Crompton (1993), o termo *classe* pode ser empregue para descrever grupos que se situam num mesmo nível hierárquico. Mas a passagem das sociedades tradicionais às sociedades capitalistas e industriais, e a forma como esta foi interpretada pelo debate sociológico, foi conducente à formulação de diferentes perspectivas teóricas – sobretudo a perspectiva Marxista e a perspectiva Weberiana - que valorizaram o domínio de fatores de produção, de bens, o mercado de trabalho e a ocupação profissional enquanto importantes indicadores da classe social a que os indivíduos pertencem. Mas sem prejuízo da relevância que a ocupação profissional - bem como o prestígio e os rendimentos que da mesma decorrem - continuam a ter para a configuração das classes sociais, perspetivas mais recentes conferem também ao capital cultural e simbólico que se concretiza em opções concretas de consumo cultural e de lazer que podem delinear um estilo de vida (Bourdieu, 1998). Uma classe social pode, pois, ser definida como um «conjunto não institucionalizado de indivíduos que manifestam características económicas e culturais comuns, bem como comportamentos comparáveis, por oposição a castas, estados e ordens definidas por transmissão hereditária» (Ansart, 1999, p. 78).<sup>i</sup>

Os dados recolhidos sobre a atividade profissional dos elementos que compõem as claques portuenses, que agora se apresentam na tabela que se segue, foram enquadrados na versão mais completa do esquema de classes proposto por Erickson e Goldthorpe (1993), tendo esta sido também adaptada às ocupações encontradas.

<i>Profissões dos membros das claques portuenses</i>	<i>Percent.</i>
Estudantes universitários	10,1%
Estudantes	17,9%
Administradores e funcionários de categoria média e superior	5,8%
Empregados em rotinas não manuais de categoria superior	3,9%
Empregados em rotinas não manuais de categoria inferior	22,7%
Pequenos proprietários e artesãos	2%
Técnicos de categoria inferior e supervisores de trabalho	6,3%
Trabalhadores manuais qualificados	7,2%
Trabalhadores manuais semiquualificados	12,6%
Desempregados	6,3%

Tabela 1<sup>ii</sup>

A análise destes dados permite verificar que 60,5% dos membros que compõem as claques portuenses exerce já uma atividade profissional remunerada. Os mesmos dados evidenciam também que a maioria destes

exerce funções enquadráveis na categoria de empregados em rotinas não manuais de categoria inferior considerada por Erickson e Goldthorpe. Por sua vez, a categoria que estes autores designaram como sendo a dos trabalhadores manuais semiqualeificados é a segunda categoria que contempla uma atividade profissional na qual os elementos dos quatro grupos estudados mais se inserem.

Sobre estas duas categorias consideradas é fundamental ter em conta a posição dos autores sobre as mesmas. Estes consideram que os empregados em rotinas não manuais de categoria inferior em muito se assemelham aos trabalhadores manuais semiqualeificados, acabando, por isso, por serem englobados na mesma classe (Erickson e Goldthorpe, 1993).<sup>iii</sup> Tendo esta conta tal semelhança, e agregando a percentagem de membros das claques portuenses que desempenham funções de trabalhadores semiqualeificados e qualificados, com a percentagem daqueles que exercem funções de empregados em rotinas manuais de categoria inferior, constata-se que 42,5% dos elementos das claques portuenses pertencem à classe trabalhadora.

A análise destes dados permite ainda concluir que as claques portuenses são ainda compostas por uma percentagem significativa de estudantes, cifrando-se esta, na sua totalidade, na ordem dos 28%. É certo que os dados relativos aos elementos que desempenham uma atividade profissional evidenciam já que a maioria deles provém da classe trabalhadora. No entanto, e sem prejuízo da relevância que a percentagem de estudantes assume para o conhecimento das atividades quotidianas dos elementos claques portuenses, ela não é esclarecedora quanto à classe social pertencem daqueles que ainda estudam.

Assim sendo, e no sentido de identificar com mais precisão as classe sociais a que estão adstritos os membros das claques portuenses, os dados apresentados nas duas tabelas seguintes contemplam também as profissões dos seus pais. Estas estão também enquadradas no mesmo esquema de classes de Erickson e Goldthorpe anteriormente referido, ainda que com as necessárias adaptações às atividades registadas.

<i>Profissões dos pais dos membros das claques portuenses</i>	<i>Percent.</i>
Administradores e funcionários de categoria média e superior	12,1%
Empregados em rotinas não manuais de categoria superior	5%
Empregados em rotinas não manuais de categoria inferior	25,6%
Pequenos proprietários e artesãos	10,5%
Técnicos de categoria inferior e supervisores de trabalho	12,6%
Trabalhadores manuais qualificados	12,1%
Trabalhadores manuais semiqualeificados	15,6%
Desempregados	6,5%

Tabela 2

<i>Profissões das mães dos membros das claques portuenses</i>	<i>Percent.</i>
Administradoras e funcionárias de categoria média e superior	10%
Empregadas em rotinas não manuais de categoria superior	3%
Empregadas em rotinas não manuais de categoria inferior	15%
Pequenas proprietárias e artesãs	7%
Técnicas de categoria inferior e supervisoras de trabalho	1,5%
Trabalhadoras manuais qualificadas	8,5%
Trabalhadoras manuais semiqualeificadas	20,5%
Domésticas	27%
Desempregados	7,5%

Tabela 3

A agregação das percentagens relativas às categorias de empregados em rotinas não manuais de categoria inferior, trabalhadores manuais qualificados e trabalhadores manuais semiqualeificados atinge a cifra de 53,3% para os pais dos membros das claques portuenses e de 44% para as mães. Estes números, associados às percentagens relativas às ocupações dos membros das claques portuenses já mencionadas, evidenciam, de forma inequívoca, a pertença dos mesmos à classe trabalhadora.

Todavia, bastará atentar nas percentagens referidas na primeira e na segunda categoria das tabelas apresentadas para que se possa concluir que alguns dos membros das claques portuenses incluem-se na classe alta, ainda que esta esteja, claramente, menor representada. É certo que a classe alta e a classe média estão representadas nas claques portuenses e conferem, por isso, alguma heterogeneidade a estes grupos. Mas é a prevalência da classe trabalhadora que sobressai como importante característica das claques portuenses.

#### 4. A classe social e a violência

Identificada a preponderância da classe trabalhadora no seio das claques investigadas, e no sentido de avaliar a potencialidade da classe social enquanto variável explicativa para a violência perpetrada pelos membros dos grupos investigados, procurou-se então verificar a que classe social pertenciam aqueles que participaram com regularidade em situações de violência.<sup>iv</sup> À semelhança da informação apresentada para o apuramento das classes sociais a que pertencem os membros das claques portuenses, voltaram a ser consideradas as atividades profissionais destes, assim como as dos seus pais e mães. As tabelas n.º 4, n.º 5 e n.º 6 que agora se apresentam dão a conhecer os dados obtidos pela pesquisa.

<i>Profissões dos membros das claques portuenses / participação regular na violência</i>	<i>Percent.</i>
Estudantes universitários	1,5%
Estudantes	7,6%
Administradores e funcionários de categoria média e superior	9,1%
Empregados em rotinas não manuais de categoria superior	9,1%
Empregados em rotinas não manuais de categoria inferior	31,8%
Pequenos proprietários e artesãos	4,5%
Técnicos de categoria inferior e supervisores de trabalho	6,1%
Trabalhadores manuais qualificados	10,6%
Trabalhadores manuais semiqualeificados	10,6%
Desempregados	6,1%

Tabela 4

<i>Profissões dos pais dos membros das claques portuenses / participação regular na violência</i>	<i>Percent.</i>
Administradores e funcionários de categoria média e superior	12,5%
Empregados em rotinas não manuais de categoria superior	3,1%
Empregados em rotinas não manuais de categoria inferior	21,9%
Pequenos proprietários e artesãos	14,1%
Técnicos de categoria inferior e supervisores de trabalho	20,3%
Trabalhadores manuais qualificados	12,5%
Trabalhadores manuais semiqualeificados	12,5%
Desempregados	3,1%

Tabela 5



<i>Profissões das mães dos membros das claques portuenses / participação regular na violência</i>	<i>Percent.</i>
Administradoras e funcionárias de categoria média e superior	7,8%
Empregadas em rotinas não manuais de categoria superior	0%
Empregadas em rotinas não manuais de categoria inferior	14,1%
Pequenas proprietárias e artesãs	7,9%
Técnicas de categoria inferior e supervisoras de trabalho	1,6%
Trabalhadoras manuais qualificadas	7,8%
Trabalhadoras manuais semiqualficadas	21,9%
Domésticas	32,8%
Desempregados	6,3%

Tabela 6

Voltando a considerar aqueles cujas atividades profissionais que se inserem nas categorias de empregados em rotinas não manuais de categoria inferior, trabalhadores qualificados e trabalhadores semiqualficados como configurando a classe trabalhadora, as percentagens obtidas são demonstrativos de uma maior participação regular em situações de violência por parte dos membros das claques portuenses adstritos à classe trabalhadora. Na verdade, a agregação destas três categorias atinge uma percentagem de 53%. Este dado é reforçado quando se consideram as profissões das mães dos membros das claques portuenses, uma vez que a agregação das mesmas três categorias atinge uma percentagem 31,15%.

Sendo certo que os dados denotam uma maior participação regular em situações de violência por parte dos membros das claques portuenses pertencentes à classe trabalhadora, eles não deixam também de evidenciar que o envolvimento em tais situações está longe de se confinar a esta classe. Na verdade, a percentagem de elementos que desempenham funções de administradores e funcionários de categoria superior, acrescida daqueles que são empregados em rotinas não manuais de categoria superior, atinge a cifra de 18,2%. Par além desta, se tivermos em conta as profissões dos pais e a sua inserção nestas duas últimas categorias aludidas, constata-se que a participação regular em situações de violência por parte membros das claques portuenses inseridos na classe alta é também digna de referência, pois atinge uma percentagem de 15,6%. A percentagem de elementos dos grupos que se envolvem regularmente em situações de violência e que são filhos de empregados em rotinas não manuais de categoria inferior, ao atingir o valor de 21,9%, é também muito significativa.

## **5. A Classe social como variável explicativa para a violência**

### **Potencialidade e limitações**

A pesquisa efectuada demonstrou que as claques portuenses são maioritariamente compostas por elementos pertencentes à classe trabalhadora. Por sua vez, aqueles que participam regularmente em situações de violência estão também, na sua maioria, associados à classe trabalhadora. Esta prevalência da classe trabalhadora neste tipo de grupos e na participação regular em situações de violência é idêntica aos dados recolhidos por Harrington e Taylor.

Este último interpretou a prevalência da classe trabalhadora como uma estratégia de preservação de uma cultura tradicional de participação da classe trabalhadora no futebol. Procura-se, com o apoio ao clube, contribuir para a vitória deste, sendo esta, para alguns, uma compensação emocional para a ausência de êxitos noutras esferas sociais (Taylor, 1971 e 1982). Ora os dados recolhidos através das entrevistas efectuadas confirmam inequivocamente esta perspectiva de Taylor. Um *grafitti* pintado na estação de caminho-de-ferro da Trofa dava nota emblemática disso mesmo, pois por ele se desejava: «Mágico Porto. Vence por nós.» A observação participante levada a cabo nas claques portuenses não deixa dúvidas quanto

ao facto de as mesmas constituírem um importante espaço de lazer e sociabilidade para muitos dos seus membros. As horas que antecedem os jogos são geralmente tempo de diversão, sejam este passado em cafés contíguos aos estádios e nas sedes das claques quando os jogos são disputados nos estádios dos clubes por elas apoiados; ou então; em viagem para apoiar o clube quando este joga no estádio do clube adversário.

As variadas declarações registadas, e sobretudo as observações efectuadas, evidenciam também que a participação activa na claque, bem como a vivência nos rituais de estádio que visam apoiar o clube, constituem, para muitos dos membros das claques, uma unidade de espaço, tempo e acção que lhes confere uma grande visibilidade, proporcionando-lhes, por isso, uma inversão simbólica da estrutura social.

Mas no que à violência diz respeito, a perspectiva de Taylor não é confirmada pelos dados obtidos. Com efeito, nenhum elemento das claques portuenses justificou a sua participação regular em situações de violência como reacção contra o aburguesamento dos clubes, nem se vislumbrou, nos confrontos observados, que a violência tenha sido, em algum momento, uma forma de protesto contra o aburguesamento e a capitalização dos clubes, sendo esta a razão apontada pelo autor como sendo explicativa para a violência perpetrada pelos *hooligans* (Taylor, 1971 e 1982).<sup>v</sup>

A classe social dos membros das claques portuenses como variável explicativa para a participação regular dos mesmos em situações de violência encontra as suas limitações em atitudes e comportamentos dos elementos que compõem os quatro grupos estudados. Por um lado, os dados aqui apresentados evidenciam bem que a participação regular em situações de violência está longe de se confinar aos que pertencem à classe trabalhadora. Foram observadas algumas situações planeadas e praticadas por elementos que têm a sua raiz na classe média e mesmo na classe alta, sendo que alguns deles ocupam mesmo um lugar no grupo que lidera uma das claques estudadas. Tais elementos, quando questionados em entrevista, não se coibiram de relatar a forma como planearam as suas ações, o que evidencia a premeditação das mesmas. Confessaram ainda não pretender uma violência ostensiva ou exibicionista que conferisse visibilidade ao grupo. Optaram antes por uma boa dissimulação, centrando-se, sobretudo, em atingir os objectivos pretendidos. Estes membros não deixam também de proferir de legitimação para a violência que praticam.

Ao invés, são muitos e variados os discursos de veemente reprovação da violência por parte de elementos que pertencem à classe trabalhadora. Estes manifestam mesmo o seu desagrado perante uma associação quase determinista entre a classe social e a violência, recusando, por isso, qualquer tipo de estigma que sobre eles possa recair. Não deixam de reconhecer que aqueles que participam regularmente em situações de violência são maioritariamente pertencentes à classe trabalhadora, mas alertam para o facto de alguns dos que participam regularmente em situações de violência pertencerem às classes média e alta.

A claque denominada *Alma Salgueirista* é ilustrativa das limitações da classe social enquanto variável explicativa da violência que ocorre nas claques portuenses. Das quatro claques estudadas, é nesta que mais prevalece a presença de elementos pertencentes à classe trabalhadora. Porém, esta é também a claque que menos se envolve em situações de violência e a que tem uma atitude mais crítica para com os que participam nela. Tal contraria a relação de causalidade que alguns pretendem estabelecer entre classe social e violência.

Mas se a investigação sobre as claques portuenses demonstrou estas limitações da classe social, de *per si*, enquanto variável explicativa para a violência perpetrada por alguns dos seus membros, ela não deixou de evidenciar a pertinência das perspetivas teóricas que associam outras variáveis à classe social. Na esteira da perspetiva de Clarke, é importante considerar a idade daqueles que compõem as claques portuenses. Estes apresentam uma média de idades de 26 anos e 72,1% deles situam-se numa faixa etária entre os 15 e os 29 anos, sendo precisamente esta a faixa etária que constitui o critério demográfico que possibilita considerar um determinado indivíduo jovem.

Mas para além deste critério demográfico, deve ser considerada a condição social de adulto cujos contornos se definem pela assunção de uma responsabilidade profissional satisfatória e ainda de uma responsabilidade familiar e parental. Os dados recolhidos revelam que 70% dos elementos das claques portuenses são ainda solteiros e não têm filhos, mas não deixam de expressar o seu desejo

Do ponto de vista profissional, os dados já apresentados revelam que a maioria dos membros das claque portuenses já exercem uma atividade profissional. Todavia, as categorias profissionais em que os mesmos se inserem, os contratos a prazo e ainda o número elevado de mudanças de emprego, são razões bastantes para a insatisfação relevada pelos elementos das claque durante as entrevistas efectuadas. A percentagem não despreciable de elementos que continuam a percorrer a sua carreira de estudante constituem outro indicador da juventude presente nas claque portuenses.

Neste «limbo» de transição para a condição social de adulto, as claque constituem-se como uma sociedade alternativa que confere a visibilidade desejada aos jovens, conferindo ainda aos mesmos uma identidade social que decorre de assunção de um desempenho exigido a todos os membros do grupo no apoio ao clube, caracterizado por um estilo de indumentária peculiar que suporta diversos signos de identificação com o clube e por um alto grau de militância, configurando-se assim uma subcultura juvenil. Mas a investigação levada a cabo corrobora, apenas em parte, a teoria subcultural desenvolvida por Clark (1978) sobre os *hooligans*. Este autor perspectiva as ações violentas destes no quadro de uma resposta simbólica de contestação por parte de uma subcultura juvenil perante uma cultura dominante. Todavia, a participação nas diversas atividades de uma claque não implica, necessariamente, a participação em ações violentas. Esta perspectiva que acentua uma dimensão geracional tem, pois, tal limitação.

Importa ainda retomar a perspectiva teórica desenvolvida pelo grupo de Leicester, uma vez que esta associa à classe social a especificidade de uma configuração urbana cujos componentes foram já enunciados no início do presente texto, constituindo-se esta como uma variável a ter em conta na compreensão da violência levada a cabo pelos *hooligans*. No caso concreto das claque investigadas, esta configuração assume-se como muito importante para a compreensão da violência levada a cabo por alguns dos seus membros. A cidade do Porto tem mais de 50 bairros sociais, nos quais residem um número considerável dos membros das claque, Estes bairros são mesmo representados nas claque por núcleos cujos nomes são facilmente identificáveis pelas faixas exibidas nos estádios e ainda pelos cachecóis ou t-shirts envergados pelos seus elementos.

O trabalho de campo efetuado em dois conhecidos bairros portuenses permitiu constatar a presença nos mesmos de algumas das características mencionadas pelo grupo de Leicester. Famílias disfuncionais, convivência com violência doméstica decorrente de uma masculinidade hegemónica e que se impõe pelo recurso à violência, socialização entre o grupo de pares onde esta está também presente ou ainda o envolvimento quotidiano em atividades de delinquência e/ou vandalismo, concorrem para a interiorização de um alto padrão de tolerância à violência e ainda para a formação do já aludido *habitus* incorporado onde a violência está também presente. À semelhança do que Robinson constatou entre os *hooligans* do Millwall, este *habitus* incorporado é também reproduzido nas claque portuenses por alguns dos seus membros que são provenientes de contextos socio-urbanos deste tipo, muitas vezes sob a ilusão da dissimulação ou anonimato. Com efeito, são muitos os membros das claque portuenses que reconhecem ser esta a principal razão para a participação regular na violência e até para os roubos que são levados a cabo.

Outros, porém, alertam para o facto de nem todos os que residem nestes bairros enveredarem pelo caminho da violência ou de uma carreira criminal. Afiança-se a honestidade de muitos daqueles que vivem nestes locais. Mais uma vez, a claque *Alma Salgueirista* constitui exemplo que evidencia algumas limitações à perspectiva teórica do grupo de Leicester. Muitos dos seus membros residem em diversos bairros sociais da cidade do Porto, sem que se vislumbre neles qualquer indicador relevante de incorporação de um *habitus* tendente ao recurso à violência.

Verifica-se assim que para além das limitações da classe social enquanto variável explicativa para as situações de violência, a investigação levada a cabo evidenciou ainda as potencialidades da dimensão geracional inicialmente defendida por Clarke e da dimensão socio-urbana proposta pelo grupo de Leicester, mas também as limitações destas duas dimensões para a compreensão da participação regular em situações de violência. Parece assim ficar patente que cada uma destas abordagens apresentam importantes insuficiências para explicar, por si só, a violência no seio das claque de futebol.

Assim sendo, uma compreensão abrangente deverá contemplar uma análise que estabeleça uma configuração que englobe outras variáveis explicativas da violência nas claque de futebol, que não apenas a classe social.

Assim, e para além da dimensão classista considerada no presente texto, a investigação efectuada demonstrou a pertinência da conjugação da mesma com a dimensão geracional e com a dimensão urbana, ambas mencionadas no presente texto.

Por fim, importa ainda destacar o enquadramento destas no contexto de um jogo de futebol. Como demonstraram Elias (1992), Finn (1994) e ainda Canter et al (1989), no âmbito de uma abordagem que se pode considerar próxima da Psicologia Ambiental, o futebol, sendo um jogo, implica a disputa pela vitória, sendo, por isso, gerador de tensão. Para além disso, é disputado numa unidade de espaço/tempo/acção específica e diferente do quotidiano, que institui também outra ordem. Constitui, por isso, um contexto favorável à libertação de tensões, não apenas as que emergem do próprio jogo, mas também aquelas que decorrem do quotidiano. É, pois, neste contexto que as dimensões anteriormente aludidas se refletem, estabelecendo-se assim uma configuração predisponente ao surgimento da violência. Esta pode, por isso, resultar de um conjunto de variáveis que estão muito para além de uma mera relação causal decorrente da classe social dos membros que compõem as claques de futebol.

### **Referências bibliográficas**

- Ansart, Pierre (1999). Classe Sociale. In André Akoun et Pierre Ansart (Dir.), Dictionnaire de Sociologie (p. 78). S.l.: Robert/Seuil.
- Bourdieu, Pierre (1998). *La distinción. Criterio y bases sociales del gusto*. Madrid: Editora Taurus.
- Bourdieu, Pierre (2002). *Esboço de Uma Teoria da Prática. Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*. Oeiras: Celta Editora.
- Canter, David et al. (1989). *Football in its Place*. London and New York: Routledge.
- Clarke, John (1978). Football and Working class fans: tradition and change. In Roger Ingham et al. (ed), «Football Hooliganism». The wider context (pp. 37-60). London: Inter-Action Inprint.
- Critcher, Chas (1980). Football since the war. In John Clarke et al. (ed.), *Working-Class Culture. Studies in history and theory* (pp. 161-184). London: Hutchinson & Co.
- Crompton, Rosemary (1993). *Class and Stratification. An Introduction to Current Debates*. Cambridge. Polity Press.
- Dunning, Eric et al. (1992a). A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In Norbert Elias, *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Dunning, Eric et al. (1992b). *The roots of Hooliganism. An Historical and Sociological Study*. London and New York: Routledge and Kegan Paul.
- Dunning, Eric (2002). Para a compreensão Sociológica do Hooliganismo no Futebol como um Problema Mundial. Reflexões sobre a criação de um Mito. In Salomé Marivoet et al. (eds), *Um olhar sociológico sobre o desporto no limiar do século XXI. Actas das III Jornadas de Sociologia do Desporto Organizadas pela Sesi da APS e FMH* (pp.23.38). Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva. Gabinete de Documentação e Informação.
- Elias, Norbert (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Erikson, Robert e Goldthorpe, John (1993). *The constant flux. A Study of Class Mobility in Industrial Societies*. Oxford: Clarendon Press.
- Finn, Gerry (1994). Football violence. A societal Psychological perspective. In Richard Giulianotti et al. (ed), *Football, violence and Social Identity* (pp. 90-127). London and New York: Routledge.
- Hargreaves, John (1986). *Sport, Power and Culture. A social and Historical Analysis of Popular Sports in Britain*. Cambridge: Polity Press.
- Harrington, J. (1968). *Soccer Hooliganism*. Bristol: John Wright & Sons.

Lago, Alessandro e Biasi, Roco (1994). Italian football fans: culture and organization. In Richard Giulianotti et al. (ed), *Football, violence and Social Identity* (pp. 73-89). London and New York: Routledge.

Marques, Margarida *et al.* (1988). *O envolvimento juvenil nas claques de futebol. O caso da Juve Leo*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.

Pereira, Luis (2002). *Dicionário do futebol. Manual do adepto*. Lisboa: Booktree.

Robson, Garry (2000). *'No One Like us, We Don't care'. The myth and Reality of Millwall Fandom*. Oxford and New York: Berg.

Taylor, Ian (1971). 'Football Mad'. A speculative Sociology of Football Hooliganism. In Eric Dunning (ed), *The Sociology of Sports. A selection of Readings* (pp. 352-377). London: Frank Cass & Co. LTD.

Taylor, Ian (1982). Soccer Consciousness and Soccer Hooliganism. In Stanley Cohen (ed.), *Images of deviance* (pp. 134-164). Harmondsworth: Penguin.

---

<sup>i</sup> A investigação realizada sobre as claques portuenses considerou, portanto, as principais componentes aludidas e que configuram as classes sociais nas quais os membros das claques estudadas se inserem. Todavia, no presente texto, e em consequência do âmbito que lhe deu causa e das limitações com que o mesmo é elaborado, a atividade profissional destes será o único indicador de classe social que será considerado

<sup>ii</sup> Todas as tabelas apresentadas têm como fonte os resultados da administração de 210 inquéritos por questionário para um universo estimado de 1770 membros das claques portuenses. A escolha dos inquiridos foi feita tendo ainda em conta o conhecimento do grupo que foi obtido através da observação participante efectuada. Tal configura, no âmbito qualitativo, uma amostra por tipicidade. O número de inquiridos e a sua distribuição pelas 4 claques estudadas foi definido em função de um universo estimado para cada grupo e de uma amostra por quotas e, por conseguinte, não probabilística. O número de membros de claques inquiridos corresponde a uma fracção amostral superior a 10%.

<sup>iii</sup> A opção dos autores pela criação da categoria de empregados em rotinas não manuais de categoria inferior como sendo uma subdivisão feita a partir da categoria relativa aos trabalhadores manuais semiqualeficados decorreu de um estudo que os mesmos fizeram sobre a mobilidade das mulheres e procurou contemplar as profissões exercidas por estas (Erickson e Goldthorpe, 1993).

<sup>iv</sup> Tal significa o envolvimento ativo em dez ou mais situações de violência. Foi também levado em conta o número de anos de pertença às claques.

<sup>v</sup> Observaram-se, contudo, e através do recurso a coreografias e/ou cânticos insultuosos, alguns protestos contra as direcções dos clubes apoiados pelas claques. Estes resultam, geralmente, de uma sucessão de maus resultados que deixam os membros das claques portuenses insatisfeitos. Tais protestos não podem, portanto, ser entendidos no quadro explicativo proposto por Taylor, uma vez que surgem apenas em situações de insucesso. Ao invés, e quando o clube é vencedor, os seus dirigentes são, de uma forma geral, elogiados e ouvem o seu nome aclamado e glorificado em pleno estádio.